

A voz daquela jovem cantora
era tão perfeita que doía

Uma terrível beleza

Por TODD LAVELLE

ERA O INÍCIO de 1995 e estávamos ensaiando para o grande concerto *Rhythm of the Earth* (Ritmo da Terra). Tínhamos reunido cerca de 300 músicos – tradicionais, modernos, cegos, ricos e pobres – e estávamos tentando juntá-los num espetáculo de verdade. No meio desse caos, uma corpulenta mulher entrou, suando, agarrou meu braço e disse: “Ouvimos falar do seu *show*. Você precisa ouvir minha filha. Ela canta em cinco línguas. Ouça!”

A filha se apresentou timidamente. Seu rosto era pálido e as maçãs do rosto, inchadas. Quando falou, a voz era quase ininteligível. Achei-a muito frágil – até que começou a cantar. Revirava os olhos, e a poderosa beleza que brotava de sua garganta me fez achar que não era deste mundo.

À medida que a menina cantava em tailandês, chinês, japonês e até laosiano, um grupo de pessoas foi se juntando para vê-la. No fim, a pequena desbancou Mariah Carey com sua interpretação de *Without you*. Esta balada da banda Badfinger deixou de ser apenas uma canção, era uma revolta contra os deuses, era a voz de alguém que conhecia a perda e a dor, bem como a beleza nelas contida. Quando terminou, houve silêncio. E, depois, aplausos.

Minha mãe estava em prantos. Chamou a voz da garota de “terrível beleza”, como o poeta irlandês Yeats descrevera o legado dos mártires da Revolta da Páscoa. Na menina, dor e alegria se entrelaçavam, numa voz solitária que parecia chorar por todos nós. “Meu nome é Fon”, disse ela, sorrindo. “Quero cantar com

vocês. Quero fazer amigos, rir e aprender com vocês.”

POUCO DEPOIS Fon estava cantando conosco o tempo todo, e tinha feito amizade com os jovens músicos cegos. Para eles, a aparência de Fon não tinha importância. Sabiam apenas que ela era brilhante, divertida, gentil e a melhor cantora que já tinham ouvido. Todos queriam ficar em seu grupo quando participávamos de seminários de composição. Fon não só cantava como também compunha, com a mente e o coração, letras fascinantes e melodias estranhas, que pareciam dançar entre a beleza e o sofrimento. Mas nem todos a admiravam.

“Não tenho um amigo sequer na



Som celestial – A voz de Fon mistura dor e alegria, como um canto de outro mundo.

escola”, contou ela. “Todos me olham como se eu fosse um monstro. Tenho uma doença no sangue chamada talassemia, que me faz inchar e deixa minha pele cinzenta e esverdeada. Fico doente com frequência e tenho de fazer transfusões de sangue a cada seis meses mais ou menos. Uma vez pensei que tinha uma amiga, que se sentava a meu lado na sala de aula. Eu a ajudava a estudar e até conversávamos sobre música. Mas, um dia, seus amigos se aproximaram e lhe perguntaram se me conhecia. Ela deu uma risada e disse: ‘De jeito nenhum!’”

“DESDE ENTÃO, eu só estudo e volto para casa. Minhas notas são as melhores, mas não tenho amigos. Mãe é minha única amiga. Ela faz qualquer trabalho – de operário, de lixeiro – para comprar meus remédios. Quando não temos como pagar o hospital, o que acontece muitas vezes, procuramos curandeiros para me tratar.

“Nem sempre é fácil arrumar dinheiro”, continuou. “Ultimamente, temos ido a bares, onde canto e recebo gorjetas. Outra noite, cantei por duas horas e, ao sair, deram-me 20 *bahts* (cerca de 1 real). ‘Veja só’, disse à minha mãe, ‘isso é o que vale o meu canto – 20 *bahts*.’ Mas está bem, porque cantar me faz feliz.”

O canto de Fon fez muita gente feliz. Quando minha mãe estava partindo da Tailândia, de volta aos EUA, Fon quis ir conosco se despe-

dir dela. No Aeroporto Internacional de Bangcoc, mamãe lhe deu um longo abraço. Tirou do dedo um anel que tinha desde a infância e o colocou no dedo médio de Fon.

– Mãe! Venho pedindo esse anel há 20 anos! – protestei.

Mamãe virou-se para mim e ordenou:

– Meu filho, tome conta desta moça. Faça com que ela viva bons momentos.

Compartilhamos muitos momentos. Fon excursionou conosco e ensinou muitas pessoas sobre a “terrível beleza”, a voz que misturava dor e alegria. Viajou conosco para a China, como representante da Tailândia no Festival de Música Wataboshi da Ásia.

Um dia, em Xangai, eu a abracei. A talassemia estava arruinando seu corpo. Disse-me que eu era o primeiro homem a abraçá-la, pois não conhecera o pai.

No palco em Xangai, Fon cantou com seu companheiro cego, Huak, um rapaz tímido de Khon Kaen, que toca *kaen* (tipo de flauta típica do nordeste da Tailândia). Até serviu de tradutora para tentar arranjar-lhe uma namorada chinesa. Não encontramos uma companheira para Huak, mas em compensação conseguimos trazer para a Tailândia o festival, dois anos depois, em 1997.

Muitos queriam que, como anfitriões do festival, convidássemos es-



Bons tempos – Fon é a estrela do Festival de Música Wataboshi da Ásia, de 1997, em que o autor (extrema direita) também participa.

telas de cinema e cantores famosos para o encerramento do *show*. Mas eu estava cansado de cantoras famosas com seios artificiais, narizes artificiais, até corações artificiais. Lembrei-me das palavras de minha mãe: “Faça com que ela viva bons momentos”, e decidi que Fon encerraria o espetáculo – sozinha. Poucos concordaram comigo, mas assim foi feito.

EM UMA NOITE chuvosa de sábado, 18 de outubro de 1997, no Centro Cultural da Tailândia, cerca de 2 mil pessoas foram testemunhas da terrível beleza. Todo o auditório se eletrizou quando as luzes se apagaram e um único refletor iluminou a pequena jovem surgindo no palco esfumado. Ela estava mais do que bonita, estava radiante. Sem acompanhamento, sem efeitos especiais, somente a voz nua preenchia a casa e cada coração presente, como uma vela na escu-

ridão. Ficamos todos parados, boquiabertos, ouvindo a letra da música-tema do festival e presenciando aquele momento.

“Oh, pequena flor, breve o vento soprará e espalhará suas sementes/Branças como a neve as sementes do amor crescerão por todo o mundo.”

Os 200 artistas e músicos presentes juntaram-se a Fon. Todos sabíamos que havia uma força na terrível beleza daquele dia de outubro.

O festival da Tailândia foi aclamado o melhor já realizado, e logo choveram cartas de todas as partes do país e da Ásia elogiando a apresentação solo da pequena Fon.

A essa altura, a mocinha se tornou uma jovem que reagia a tudo com sua mistura de sorriso e tristeza.

“Aquele foi o meu momento. Muito obrigada. Não acho que me restem muitos outros. Ultimamente a dor tem sido bastante forte, e eu não estou melhorando.”

Em uma noite chuvosa de domingo, 18 de outubro de 1998, cerca de 50 pessoas compareceram ao Templo de

Anongkaram. A fumaça do incenso inundava o ambiente, e a mocinha da foto ao lado do caixão parecia esperançosa e solitária. Sem música, sem conversas. Eu podia ouvir sua voz enquanto lia a carta que deixou.

“A dor está forte demais agora. Mas sofro mais por minha mãe. Ela deu tudo o que podia para que eu vivesse e nada recebeu de volta. É impossível colocar no papel os sentimentos que mãe e filha compartilham. Ela é tudo que tenho e me dói vê-la chorar. Em breve, tudo estará terminado. O médico diz que não há mais nada que eles possam fazer. Minha mãe fez todo o possível.”

Do lado de fora do templo, começou a chover. O barulho da chuva caindo soava como aplausos e me perguntei se aquele não seria o verdadeiro momento de Fon. Ou talvez fosse o nosso momento – a vida que tivemos a sorte de compartilhar, a voz que tivemos a honra de ouvir.

“Você precisa ouvi-la cantar”, implorara sua mãe. E hoje eu ainda a ouço.

A FALTA QUE ELA FAZ



Após nossa formatura, meu namorado e eu resolvemos viajar pela Austrália. Depois de oito meses acampando e trabalhando na colheita de frutas, eu estava exausta e pronta a voltar para casa. Matt, entretanto, pretendia ficar mais cinco meses.

Logo depois de eu chegar ao Canadá, a mãe de Matt me ligou dizendo que ele ia voltar. Estava sem dinheiro, morto de fome, cansado, sem meias ou cuecas.

– O que foi que aconteceu? – perguntei.

– Você veio embora – respondeu ela.

–CARRIE REGAN, *Canadá*